

Nove projetos da UERJ participam da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

Em 2013, o tema central da 10ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, promovida pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, foi "Ciência, Saúde e Esporte". Pela Universidade, participaram da Semana nove projetos vinculados às áreas de graduação, de pós-graduação e pesquisa e de extensão e cultura, com a coordenação do Departamento de Inovação – InovUERJ. O tema escolhido este ano pretendeu aproveitar os grandes eventos esportivos a serem realizados no Brasil – em especial a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. A proposta do Ministério foi motivar a população a conhecer os aspectos científicos, educacionais e de saúde envolvidos nas atividades esportivas.

Na UERJ, a abertura da Semana foi realizada com uma cerimônia da qual participaram a professora Monica Heilbron, Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, representando o Reitor Ricardo Vieiralves; o secretário de Estado de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro e Vice-chanceler da UERJ, Gustavo Tutuca; a professora Maria Luiza Pontes, representando a Sub-reitora de Graduação; o professor Mário Sérgio Carneiro, representando os diretores de centros; a diretora do InovUERJ, professora Marinilza Bruno de Carvalho, e o assessor da presidência da FAPERJ, Egberto Gaspar de Moura.

Para a professora Monica Heilbron, “a nossa Universidade tem papel fundamental no desenvolvimento da ciência e da tecnologia no estado”, afirmação reforçada pelo Secretário Gustavo Tutuca, que reafirmou a proximidade entre a Universidade e o governo do estado: “O Rio de Janeiro está passando por momento importante de sua história; um momento de desenvolvimento



Projetos da UERJ na SNCT 2013



SEMANA NACIONAL DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CIÊNCIA, SAÚDE E ESPORTE

73º Dia de Doação de Sangue na SNCT 2013

Exposição Fotográfica UERJ na Antártica

Exposição Fotográfica Biodiversidade para Todos

Laboratório de Atividade Física e Promoção da Saúde (Existe treinamento adequado para saúde cardiovascular e metabólica de diferentes populações?)

Laboratório de Cineantropometria (Fisiopatologia do exercício)

Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo (A copa como palco de mudanças sociais)

Laboratório de Estudos em Mídia e Esportes (Uma visita à literatura científica sobre o esporte nas ciências na comunicação)

Projeto Ecomuseu Ilha Grande (Exposições de fotos ambientais)

Visita guiada ao Instituto Politécnico do Rio de Janeiro

econômico, de desenvolvimento social e de atração de grandes eventos internacionais. Precisamos estar preparados para esse desenvolvimento, que deve ter o suporte da área de ciência e tecnologia”. Depois da cerimônia de abertura foi lançado o *Guia de Campo do Parque Nacional da Tijuca*, projeto coordenado pela professora do Instituto de Biologia, Andréa Espinola.

Desde 2004, a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia tem registrado participação crescente de instituições de pesquisa e de ensino e também de municípios. Este ano, os números

preliminares do evento contabilizaram mais de 13 mil atividades em todo o país, com o envolvimento de 654 instituições distribuídas em 476 cidades. Apenas no estado do Rio de Janeiro, 149 instituições se inscreveram e desenvolveram mais de duas mil atividades em 31 cidades. Na UERJ as ações aconteceram em diversos espaços, entre os quais o Instituto Politécnico do Rio de Janeiro, a Faculdade de Formação de Professores, o Hospital Universitário Pedro Ernesto e o Instituto de Nutrição. O Parque Madureira abrigou a mostra de parte do material da exposição “UERJ na Antártica”.

Seminário discute propostas para unidades de saúde da UERJ

O Seminário da Saúde, promovido pela Superintendência de Recursos Humanos e pelo Departamento de Seleção e Desenvolvimento Pessoal, reuniu em agosto gestores e servidores das unidades de saúde da UERJ para trocar informações e discutir novas propostas para a área. A vocação acadêmica das unidades de saúde, a importância da integração do conhecimento e o reflexo desse conhecimento na gestão de recursos humanos, nos custos e no planejamento foram os principais pontos abordados.

O público-alvo do seminário abrangeu desde servidores que realizam atendimento a pacientes e estudantes até profissionais das chefias, direções de departamentos e unidades de saúde. Segundo o Superintendente de Saúde da Universidade, professor Edmar dos Santos, participaram dos dois dias do Seminário 130 convidados, “inclusive todos os diretores e vice-diretores das unidades acadêmicas e assistenciais pertencentes ao Centro Biomédico e também de outras áreas de saúde, como Educação Física, Serviço Social e Psicologia”. Com esse público foi possível apresentar informações básicas sobre o funcionamento da SRH e da Procuradoria Geral da UERJ – dados básicos que muitas vezes os servidores não têm acesso por falta de comunicação, segundo o superintendente.

A proposta do Seminário da Saúde surgiu no Seminário de Planejamento Estratégico da UERJ realizado em 2012. Ali, segundo o Superintendente de Saúde, foi possível perceber a importância de reunir os servidores das áreas de saúde para trocar experiências: “A saúde da UERJ cresceu muito ao longo dos anos e agrega unidades que são dispersas geograficamente. Atualmente, essas unidades representam mais da metade dos recursos humanos da Universidade”.

O seminário foi dividido em quatro grupos, segmentados em eixos temáticos. O grupo de gestão de trabalho discutiu as necessidades de recursos humanos, informações sobre processos burocráticos e a modernização dos processos de gestão. Um grupo debateu o futuro das unidades de saúde, sugerindo definições de política e planejamento para o crescimento da área. Outro eixo temático se concentrou na adequação dos modelos de gestão de cuidado dos pacientes. O quarto grupo focou temas como bioética, pacientes paliativos, atendimento domiciliar e pesquisas clínicas vinculadas às indústrias.

Uma proposta discutida em todos os grupos e que o professor Edmar apontou como o “marco zero” para aperfeiçoar o atendimento e o ensino nas unidades de saúde, foi a que trata

da definição de uma ferramenta de informatização única para todas as áreas, integrando prontuários e bancos de dados. Essa ferramenta seria útil, por exemplo, para estudos e pesquisas, além de ordenar o fluxo de atendimento do paciente: “Seria um prontuário eletrônico integrado a um banco de dados”, diz Edmar dos Santos. As propostas serão aprofundadas por grupos técnicos formados por profissionais de diferentes funções na área.

O superintendente destacou uma das palestras inaugurais, feita pelo atual secretário de saúde de São Bernardo do Campo (SP), Arthur Chioro: “Vimos que nossas mazelas são comuns em muitos lugares e que há solução se quisermos apostar num trabalho”. O seminário teve a presença do Reitor Ricardo Vieiralves, da Superintendente de Recursos Humanos, Elaine Lucio Pereira, da assessora da SRH Fernanda Polo Louredo, da Chefe do Serviço de Dimensionamento (Serdim/Desen/SRH), Claudia Mello e do Procurador Geral da UERJ, Leonardo Rocha de Almeida.

Criada pelo AEDA nº 004, de 10/02/12, a Superintendência de Saúde tem a função de promover a integração, o planejamento, a articulação e apoiar as diferentes ações e unidades de saúde da Universidade supervisionando e fiscalizando suas ações.

Unidade de Urologia do Hupe funciona em novas instalações

Uma nova enfermaria com 20 leitos, dividida em enfermaria masculina (11 leitos) e feminina (seis leitos) e uma ala especial para o pós-operatório com três leitos para cirurgias mais complexas compõem a nova enfermaria da Unidade Docente Assistencial de Urologia (UDA), do Hospital Universitário Pedro Ernesto. Inaugurada em agosto, depois de reforma realizada com recursos da FAPERJ e da Universidade, via Reitoria e HUPE, a obra (que durou cerca de um ano e meio) foi necessária para atender demandas acadêmicas

e assistenciais do serviço. Os exames complementares são feitos na UDA, que mantém leitos na ala pediátrica do Hospital, na enfermaria de pacientes adolescentes e na nefrologia, com os pacientes transplantados.

Segundo o coordenador da Unidade de Urologia, professor Ronaldo Damião, “podemos dizer que atualmente temos um dos serviços de Urologia mais bem equipados do Brasil. Nossa enfermaria tem servido de modelo para as outras do Hospital”. Segundo ele, a Urologia é uma especialidade com área de atuação

bastante vasta: “De todas as especialidades cirúrgicas, talvez seja a especialidade mais ampla que exista”.

Prestam serviço na unidade oito professores, 15 médicos, 14 residentes e alunos da graduação. “Nosso ambulatório está reformado e temos atendimento todos os dias. Os pacientes e, principalmente, os alunos e residentes são os que mais se beneficiam com a melhora dos recursos. A nossa função é tratar o paciente, oferecer o melhor para ele e também formar recursos humanos de qualidade”, destaca o coordenador.

José Ribamar Bessa Freire, Coordenador do Programa de Estudos de Povos Indígenas (Pró-índio, SR3)

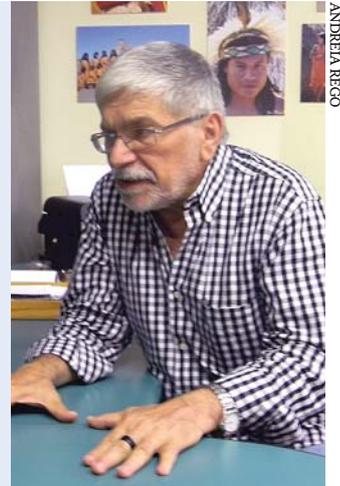
Como surgiu a idéia do livro Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro?

Coordenei um projeto nacional no Rio para realizar o levantamento de fontes relativas à história indígena em arquivos das capitais brasileiras. Durante três anos, eu e uma equipe de 12 pesquisadores percorremos 25 grandes arquivos do Rio de Janeiro, procurando documentos sobre a história indígena. Enquanto fazíamos este trabalho descobrimos que até o século XIX existiam ainda 15 aldeias indígenas no Rio de Janeiro. Se no século XIX, ainda tínhamos índios no Rio, seria possível conseguir informações nos arquivos locais? A partir daí preparei um projeto para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, que financiou a pesquisa, e assim nasceu este livro, resultado de um trabalho com alunos da UERJ.

E como foram feitas as outras edições?

Seguimos fazendo oficinas no município, abordando a história dos índios no Rio de Janeiro, e os professores começaram a reclamar que o livro estava esgotado. A EdUERJ fez a segunda edição e a Prefeitura do Rio comprou uma quantidade muito grande para distribuir nas escolas da rede municipal. Quando essa edição se esgotou surgiu esta terceira, a partir da solicitação do governo do estado para uma tiragem de 30 mil exemplares a serem distribuídos na rede pública estadual. Estamos muito contentes, porque é uma forma de reconstruir uma narrativa sobre a história das aldeias indígenas no Rio de Janeiro para ser usada na escola. Procuramos trazer uma linguagem fácil e ilustrativa. A história indígena não é apenas uma reflexão sobre o outro, o diferente. Quando se fala da história indígena, se fala da nossa história. A forma como a sociedade brasileira tratou os índios, com exclusão e discriminação, diz muito sobre nós mesmos.

O professor Bessa, juntamente com Márcia Fernanda Malheiros, é autor do livro Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro (EdUERJ, 2013), que terá 30 mil exemplares da sua terceira edição distribuídos no início de 2014 às escolas da rede pública estadual pela Secretaria de Estado de Educação. O livro, que teve a primeira edição em 1997 e a segunda em 2009, é resultado de trabalho de campo que pesquisou acervos na capital e no interior do estado mapeando documentos relacionados aos indígenas. Leia a seguir a entrevista com o professor.



Qual é a conexão entre a questão indígena e a sala de aula, com o livro chegando à terceira edição?

Conectar a questão indígena à educação é o principal objetivo do livro. Estamos trabalhando com pesquisa básica, de fontes primárias, que ninguém havia trabalhado antes. Abrimos o caminho e o livro tem um duplo objetivo: interferir na sala de aula, mas também estimular as pessoas a continuar esta pesquisa. A obra tem contribuído para recolocar a questão indígena no mapa do Rio de Janeiro e dar maior visibilidade aos índios. Vivemos em uma cidade onde não se pode nem dizer “sou carioca, moro em Ipanema”, sem usar palavras indígenas.

O que ainda há por fazer sobre a questão indígena no Rio de Janeiro?

Muita coisa. No Rio de Janeiro, temos sete aldeias indígenas de índios guaranis. São cerca 800 índios, mas apesar disso não existe, de forma muito clara, uma política pública para as escolas indígenas. Até 1988, existia uma escola monolíngue em português. A Constituição Federal de 1988 deu aos índios a garantia de viver de acordo com a sua cultura, dentro da sua tradição, mantendo sua língua. Então, pela primeira vez, em 500 anos, o Estado brasileiro reconheceu que manter a diversidade não é uma coisa ruim. Ao contrário, é bom.

O Sr. disse o que há por fazer. Mas o que já foi feito pela questão indígena?

Tem muita coisa que foi feita. O primeiro avanço que podemos celebrar é o reconhecimento das terras indígenas aqui no Rio de Janeiro. Das sete aldeias (aldeia Sapukai, aldeia Itaxi, aldeia Mamanguá, aldeia Araponga, aldeia Rio Pequeno, aldeia Tekoa Mboyty e aldeia Araowy), cinco estão devidamente demarcadas. A criação da escola indígena, mesmo sem que haja o funcionamento pleno, representa também um avanço, porque o estado reconheceu (pelo menos no papel) que os índios têm direito a uma educação bilíngue, intercultural, específica, diferenciada, tal como determina a lei.

O que o Sr. acha da Lei 11.645/08, que tornou obrigatório o estudo da história indígena?

Existe uma pressão dos próprios docentes, que precisam cumprir a lei, mas não têm material didático. É uma questão ambígua, tanto pode favorecer como pode prejudicar, dependendo da forma como é tratada. Eu, particularmente, acho que tem favorecido. Convivo muito com professores não indígenas e tenho notado o avanço. Existe uma vanguarda de professores que não está contente com a imagem que tradicionalmente o índio tem na escola. E eu acredito que o nosso trabalho, aqui na UERJ, tem contribuído para essa disseminação, para essa contaminação das pessoas em relação à questão indígena.

Caravana Campus France apresenta possibilidades de estudo na França

Realizar parte da formação universitária na França pode ser a vontade de muitos brasileiros, mas também há disposição, entre os franceses, de receber estudantes estrangeiros. Como parte do processo de divulgação do país no Brasil, a UERJ recebeu o evento “Estudar na França com Ciência sem Fronteiras”, iniciativa do Consulado Geral da França no Rio, em parceria com o Departamento de Cooperação Internacional da Universidade e a Aliança Francesa. Estudantes de graduação e pós-graduação interessados na apresentação da Caravana Campus France estiveram na manhã do dia 14 de novembro no auditório Cartola, no Centro Cultural da UERJ, para ouvir palestras de representantes da PSA Peugeot Citroën, da Aliança Francesa e de quatro universidades francesas – Université Pierre et Marie Curie, Université Nantes Angers Le Mans, Université Orléans e Université Franche-Comté.

A Caravana Campus France é um serviço vinculado aos ministérios franceses da Educação e das Relações Exteriores, cuja finalidade é informar cidadãos de todo o mundo sobre as possibilidades de educação superior na França. Segundo o Cônsul Geral no Rio, Brice Roquefeuil, a França é o segundo parceiro do Brasil no intercâmbio de estudantes brasileiros, atrás apenas de Portugal. Ele destacou a tradição de cooperação com universidades brasileiras, em especial com a UERJ. Em 2013, por exemplo, teve início o programa de Cátedras Francesas, um acordo firmado entre a Universidade e a Embaixada da França, que vai trazer em 2014 oito professores seniores franceses para a UERJ, no período de um a 12 meses.

O objetivo da Caravana, porém, é aumentar o contato com os estudantes: “Esperamos desenvolver intercâmbios com alunos da UERJ, por isso



ANDRÉIA RECO

trouxemos o grupo para apresentar as possibilidades de mobilidade”, explicou o Cônsul. Hoje existem no país cerca de 180 programas de bolsas de estudo financiados pelo governo brasileiro, pelo governo francês, por empresas privadas e pelas próprias instituições de ensino. As modalidades das bolsas variam: no intercâmbio sanduíche, apenas um período da graduação ou da pós é cursado em exterior; no intercâmbio pleno, o período de formação é integral.

Entre as diferenças do ensino superior francês e brasileiro, podem ser citados a mudança nos nomes dos cursos e o total de anos de estudo. Na França, a duração média da graduação (*Licence*) é de três anos, seguida por dois anos de *Master*, que equivale ao mestrado no Brasil. Ao voltar do intercâmbio modo sanduíche, o ideal é que os créditos cursados na França sejam aproveitados no Brasil. No modo integral, o processo é outro: para validar o diploma é preciso passar por uma instituição brasileira reconhecida pelo MEC, que avalia então

a equivalência do curso. O destaque dos programas ficou para o Ciência Sem Fronteiras, que prevê a distribuição de dez mil bolsas para a França até 2015, em algumas áreas de conhecimento. O CSF distribui bolsas de graduação e de doutorado sanduíche, doutorado pleno e pós-doutorado. Na França, o valor da bolsa é suficiente para arcar com as despesas de viagem, que varia conforme a cidade escolhida pelo estudante.

O evento teve ainda esclarecimentos sobre aprendizagem em língua francesa, pela diretora adjunta da Aliança Francesa Marie-Noëlle Rodriguez, e palestras dos representantes das universidades sobre as respectivas instituições. A Caravana Campus France estará de volta à UERJ em abril de 2014. Os interessados em conhecer os programas de intercâmbio na França podem encontrar informações no endereço <www.bresil.campusfrance.org>.



Reitor: Ricardo Vieira **Vice-reitor:** Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira **Informe UERJ – Edição de texto:** Graça Louzada **Apuração:** Fausto Jr., Mariana Pellegrini e Mirella Arruda **Estagiária:** Marcele Blanchart **Fotos:** Thiago Facina **Projeto Gráfico e editoração:** Rafael Bezerra • **Tiragem:** 1.000 exemplares

Impressão: Gráfica UERJ • **Contato:** comuns@uerj.br